

OS “LUGARES” DAS MULHERES CAXIENSES E SUAS RELAÇÕES DE PODER NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 30 A 70.

ABREU, ELIZETE SANTOS.¹

As velhas práticas senhoriais, denominado por José Murilo de Carvalho (1996) de “cultura paroquial”, deixou amarrado alguns *nós* de difíceis manejos para a ascensão feminina na busca e avanço dos direitos sociais, civis e políticos nesse processo de transição.

Os discursos republicanos imbuído do modelo positivista implantado, ainda reforçavam os *nós*, voltados à educação feminina para a organização da família. No entanto, o entusiasmo de termos nos tornado cidadãos fazia emergir um sentimento de liberdade, de autonomia, etc.

O aumento considerável da população urbana fez com que outros lugares surgissem para as mulheres, que foram ocupando brechas em espaços desvalorizados e desqualificados. Mesmo nesses lugares, as mulheres tiveram que se apresentassem articuladas e combativas para permanecerem, pois a tríade “esposa, mãe e dona - de - casa”, ainda era predominante.

Importante destacar que essa “alçada de voos” não se consubstanciou na vida de todas as mulheres que estavam nos centros urbanos. Enquanto muitas se destinavam aos pequenos estabelecimentos comerciais, ou ainda para a indústria têxtil, outras se destinavam ao comércio nas ruas, outras então a tantas atividades que foram surgindo, isso porque as profissões e cargos que exigiam nível superior eram de difícil acesso para as mulheres, pois o acesso a esse era exclusivamente de domínio masculino.

Em Caxias-MA, cidade situada a leste do Estado do Maranhão, tradicionalmente conhecida como “*Princesinha do Sertão*”, nos idos da década de 30/50 mantinha a posição de um grande centro produtor de algodão e o de segundo maior núcleo urbano do Maranhão. A cultura algodoeira foi o principal fator de desenvolvimento econômico caxiense na época. O parque fabril da cidade foi inaugurado a partir de 1883 com a

¹ Professora e bolsista da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. Doutoranda PPGH/UNISINOS

Indústria Caxiense ou Cia. Caxiense, desde o seu início, a sociedade caxiense passara a viver a sensação de que o progresso e o desenvolvimento haviam chegado.

Com a implantação da indústria têxtil, observou-se que diversos lugares foram sendo ocupados. Para Eric Hobsbawm (1995,p.307) “sinais de mudanças significativas” passaram a ser operacionalizadas. O crescente número de famílias chefiadas por mulheres representa uma mudança na velha estrutura familiar nuclear em que o homem era o chefe.

Nessa conjuntura as mulheres passam a circular nos espaços públicos através da necessidade do trabalho². De um lado as mulheres negras, de outro as não negras, filhas da elite cultural econômica da cidade. As negras foram ocupando os serviços das cozinhas de grande parte das patroas caxienses, outras foram absorvidas pelos serviços de fiação etc da indústria manufatureira. As mulheres não negras filhas da elite foram estudar nas escolas de etiqueta e boas maneiras, posteriormente destinadas ao matrimônio. Outras ainda foram estudar nas escolas normalistas para assumirem a função de professoras normalistas nas diversas escolas que ora passaram a funcionar, posteriormente ingressaram na Faculdade de Educação de Caxias.

A partir daqui analisaremos os lugares e as relações de poder que as mulheres caxienses passam a lidar que são: 1º grupo: nas cozinhas, nas ruas e nas fábricas , 2º grupo nas escolas de etiquetas e boas maneiras e o 3º grupo como normalistas, posteriormente como ingressas no ensino superior em Caxias no final da década de 60.

Na cozinha, nas ruas e nas fábricas. Lugares de articulação e combate.

A exemplo do período colonial, a comercialização de frutas, verduras, legumes, quitutes, doces, flores, etc, foram atividades que as mulheres negras e não negras pobres buscaram para manter seu sustento e de seus familiares. Outras enfileiravam os serviços

² Rosiska Darcy de Oliveira (2003, p. 21), analisando o advento da sociedade industrial e urbana moderna e a entrada das mulheres no mercado de trabalho adverte que ao ingressar no mercado de trabalho “[...] não ousaram, não puderam ou não souberam negociar o tempo que dedicam à vida privada”. Essa não negociação acarretou mais peso às suas responsabilidades, somadas às já existentes.

domésticos, ou nas casas das patroas, ou como lavadeiras, engomadeiras, quituteiras, boleiras etc em suas próprias casas, as demais, já incorporadas a esse novo modelo econômico ingressaram no trabalho das fábricas como fiadeiras, tecelã, etc.

Importante destacar que o ingresso das mulheres negras e não negras pobres na indústria têxteis associa-se a sua longa experiência nos lares como costureiras³, devido a habilidade, muitas ingressaram na manufatura, esse acesso muitas das vezes era por intermédio de outras que já trabalhavam no local, outras ainda foram direto ao patrão pedir emprego. As operárias da Indústria têxtil de Caxias foram admitidas ainda crianças, a sua grande maioria de renda familiar baixa, vindas dos extratos sociais mais pobres da cidade. Realizaram múltiplas funções, trabalhando em todo o processo fabril, e na ausência de alguma, substituía-a imediatamente.

Em entrevista com a filha de Dona Joana Coutinho⁴, essa lembra que sua mãe enfrentou grandes dificuldades na fábrica, tida como encrenqueira Joana Coutinho certa vez em defesa de uma colega que precisa amamentar seu filho, levou um tapa no rosto por ter reunido as outras mulheres para reivindicar tal direito. Logo que ela é ofendida com o tapa e como negra metida, as demais mulheres correm para pegar o chefe do setor que correu e se esconde no algodoeiro, socorrido por outros homens, é retirado do local para não ser linchado. A jornada de trabalho, as condições insalubres, dentre outras, são condições impostas para as mulheres que trabalhavam nesse setor.

Enquanto as mulheres negras e não negras pobres se encontravam incorporadas aos espaços públicos da fábrica, das ruas e das cozinhas, outros grupos de mulheres, essas da elite caxiense frequentavam O Instituto Rosalina Barros, escola de formação de regras de culinária e etiquetas, em preparo para o casamento em busca da manutenção da tríade *esposa- mãe- dona de casa*.

Instituto Rosalina Barros. Lugar de educação das moças da elite caxiense.

³ Recai sobre o ano de 1858, que a Singer lança sua primeira máquina familiar. Isso gerou enormes problemas para as famílias que as adquiriram, pois historicamente o local de encontro dessa ferramenta era em oficinas apropriadas para costuras, nunca em casa de família.

⁴ Mulher negra, Fundadora da União Feminina de Caxias, situada no bairro cangalheiro. Líder das mulheres na Indústria Têxtil de Caxias. Lutava pelos direitos trabalhistas para as mulheres. Entrevista concedida em 20/11/2014.

A mentalidade vigente no século XIX, amplamente difundida na imprensa maranhense, fundamentada em argumentos religiosos, filosóficos e científicos, considerava o homem a cabeça, a razão, enquanto a mulher era o coração, a emoção. Para compensar essa inferioridade do sexo feminino, apresentava-se a santa missão materna como uma maneira de tornar nobre seu papel no lar e convencê-la de que somente nessa esfera poderia ser considerada superior ao homem (Abrantes, 2014).

Em Caxias, em pleno século XX essa realidade também foi muito presente. As famílias educavam suas filhas para o exercício do matrimônio, privilegiando as lições para o “belo sexo”, inicialmente esse exercício era adquirido na própria casa. No entanto, com o início do processo de desnaturalização das práticas de domesticação feminina, esses ensinamentos passaram a ocorrer em “escolas” específicas para esse fim, no caso caxiense, o Instituto Rosalina Barros. Essas práticas relativas à educação feminina tem seu fundamento no aspecto cultural estabelecido na época.

Muitas famílias [mulheres] que não tiveram acesso a uma educação de etiqueta na infância, a compravam (através dos cursos de etiqueta) e passaram a ter acesso a este universo tardiamente. O capital cultural que não fora herdado do seio da família passa a ser comprado como uma forma de ascendência social⁵.

A “Escola Sara Antunes” foi criada no início da década de 60, para atender as necessidades específicas dessa clientela. Durante as décadas de 1960 a 1970, existiu uma “popularização” na busca do que diz respeito a bons comportamentos. Essa situação toma corpo desde o fim do período imperial, devido também as fortes crises acometidas na economia, advinda da produção agrícola e do comércio, concomitante com a decadência econômica de muitas famílias ricas da região. Além disso, essa estratégia de popularizar esses ensinamentos objetivava na época multiplicar a ideia de viver no “cativeiro” do lar (LAGARDE, 2004), para que as mulheres se reconhecessem como tais. Por outro lado já havia vastas discussões a respeito da educação sistematizada feminina e esse aspecto não era visto com bons olhos pelas famílias dominantes da época, preferindo chamar os locais de educação para o lar de “escolas”, com interesses em confundir o ideário ora efervescente.

⁵ As informações aqui contidas sobre o Instituto Rosalina Barros foram pesquisadas no acervo do IHGC, bem como extraídas do trabalho monográfico intitulado: “Bem-Viver” em Caxias: comportamentos e normas de etiquetas para mulheres nas décadas de 1960-1970 (SAMPAIO, 2011).

O bom trato com a postura e gestos delicados, assim como compreender as regras de etiqueta à mesa, era algo imprescindível para as moças de boas famílias aprenderem. A função do Instituto Rosalina Barros era disseminar códigos sociais determinados na formação das mulheres da elite caxiense, como processos naturais na construção dos papéis e tarefas sociais.

A escola foi criada e mantida pelo professor Miguel Arcanjo da Rocha, popularmente conhecido como Miguel “Fala Fina⁶”. As aulas aconteciam em sua escola/casa. Elogia-se muito o trato que o senhor Miguel Arcanjo da Rocha tinha com sua casa e o cuidado com a escola, o que se transforma em admiração e respeito para suas alunas e a sociedade caxiense da época. O professor Miguel Arcanjo da Rocha sempre perpassa nos adjetivos de exigente, respeitador, organizado e elegante. Sempre prezava por andar bem alinhado, camisa com manga comprida ou paletó. No momento das aulas não descuidava de estar vestido da forma adequada para aquele momento.

A ritualização desses processos Nora (1981), serviu como âncora na formação de um tipo de memória exigida na sociedade caxiense, bem como dos lugares de aprendizagem desses rituais. O *cuidado*, a *rigoriedade*, a *elegância* etc, são compêndios necessários nesse processo. As mulheres das classes sociais elevadas, que tinham a criadagem para fazer o trabalho doméstico, era esperado delas que fossem boas administradoras dessas tarefas, conhecessem os rituais de etiquetas e moda e não relaxassem nesse quesito, pois nas grandes festas, era costume ser admirada pela desenvoltura de tais atributos. Associado a esses compêndios, era lhes cobrado ainda o papel de boa esposa, boa mãe, de natureza frágil e submissa ao marido.

Nessa escola, a sociedade, ou seja, a elite feminina caxiense aprendia com muito esmero e dedicação a arte de como cozinhar bem, e receber bem, pois

⁶ Filho de uma família de dezoitos irmãos, somente ele teve a oportunidade de vir para Caxias, onde foi acolhido por Dona Porcina que com sua ajuda foi ao Rio de Janeiro e teve contato com arte culinária e códigos de etiqueta, sendo nesse momento o Rio de Janeiro um lugar onde códigos, manuais e cursos de etiquetas estão vigorando com toda força. Durante essa viagem ele teve a oportunidade de participar da cozinha que servia o então presidente Getúlio Vargas. Depois desse aprendizado no Rio de Janeiro ele retorna a Caxias, onde monta a Escola de Arte Culinária em homenagem a uma grande cozinheira local Sara Antunes.

era administrado, também aulas de cerimonial e etiqueta. [...] A cada turma de formandas era oferecido, pela escola um cocktail, onde as alunas exibiam pratos da cozinha brasileira, francesa, e italiana, que eram degustados pelos aficionados gastronômicos. (ALBUQUERQUE, 1992, p. 29) apud (SAMPAIO, 2011,p.57)

Os cursos de culinária e etiqueta repassados na “Escola Sara Antunes” tinha esse objetivo de unidade de uma ótica social que buscava ser perpetuada no contexto social caxiense, na perspectiva de *conservar as informações* (Le Goff (2003), para outras gerações).

Importante destacar que dentre as moças que participaram das escolas de formação e etiqueta, existiram aquelas que também foram para as escolas normalistas se qualificarem para o exercício da docência, essas farão parte do terceiro grupo aqui discutido.

As normalistas e o ingresso no ensino superior na Faculdade de Educação de Caxias no final da década de 60 .

No Maranhão, nesse período havia uma população de 2.992.686 habitantes, sendo cerca de 748.862 mil morando na zona urbana e 2.196.914 morando na zona rural, isso distribuídos em 16 microrregiões e 130 municípios. Não sabia ler e escrever 60,30% da população maior de 15 anos⁷. Essa preocupação com a garantia dos direitos à educação, já era aclamada desde a década de 20, com o Manifesto dos Escolanovistas, mas pouca coisa havia sido feita. O ensino no Maranhão estava numa situação de grandes preocupações. O censo de 1960 registrava que faltavam pessoas formadas em medicina, agronomia, administração e professores.

De acordo com o decreto que institui a Escola Normal, o seu objetivo era garantir a matrícula dos alunos requerendo os seguintes predicados: ser cidadão brasileiro, maior de 18 anos, com boa morigeração, saber ler e escrever, (Lei nº 10, de 04 de abril de 1835, Art.4º)

Em Caxias, como em todo o território brasileiro o gênero feminino encontrou território fértil na profissão, pois essa foi predominantemente composta por esse sexo.

⁷ BRASIL. IBGE. Censo Demográfico de 1970 – Maranhão. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

Destacaremos aqui uma das escolas normalista da cidade, trata da Escola Normal São José. Era frequentada por moças da cidade, bem como por outras oriundas de outras cidades ou lugares próximos. A escola funcionava em regime de internato para as moças que não moravam na cidade. Sua maioria pertencia às famílias ricas da cidade como filhas de grandes empresários, políticos, fazendeiros, etc.

Educadas para o matrimônio, essas mulheres foram vivenciando suas práticas pedagógicas quase como um sacerdócio. Algumas delas tiveram que abandonar a profissão por força das pressões de seus esposos, outras permaneceram, mas trabalhavam apenas um turno para não trazer problemas a seus lares, outras ainda ingressaram no ensino superior na Faculdade de Educação de Caxias no início da década de 70.

É sobre esse grupo que estamos buscando aprofundar as pesquisas, pois busca se investigar quais as manifestações na época a respeito de seus ingressos nos cursos superiores? Como a sociedade caxiense via esse caminhar? Quais as impressões das famílias, dos homens e das outras mulheres?

Importa saber como essas mulheres educadas para o matrimônio, manifestaram interesses pelas suas qualificações profissionais, se foi motivada pela efervescência da época em âmbito nacional, ou se foi orientada pelas suas famílias, fruto de suas decadências político-financeiro, passaram a compreender que poderiam permanecer com as regalias que o poder oferece através da ocupação de cargos importantes que ora estavam sendo criados.

O interessante é que a investigação permeará tanto nas impressões externas que as outras pessoas passaram a ter das mulheres que fazem parte da pesquisa, como as suas próprias impressões. Como elas passaram a se olhar, quais os seus interesses a partir do ingresso no ensino superior, quais as suas compreensões a respeito de família, lar, casamento, filhos, profissão, como lidaram com essas questões, já que a sua educação ainda estava baseada na dicotomia entre educação e instrução, em que aos homens se instruía para desenvolver a inteligência e às mulheres se educava para desenvolver o caráter. De que maneira as efervescências sociais, políticas e principalmente educacional influenciaram o imaginário dessa sociedade?

Aspectos investigativos da pesquisa.

Na tentativa de construir esse mosaico da trajetória das mulheres ingressante nos cursos superiores daquela época, utilizar-se-á à pesquisa documental nos dossiês do CESC/UEMA, buscando identificar a quantidade de mulheres que ingressaram na Faculdade de Educação no período em estudo, bem como os cursos escolhidos ou indicados, enfim sua trajetória no curso. Esse lugar de memória como espaço de ritualização (Nora, 1993), suscitará lembranças do vivido do período aqui em estudo. Serão os *habitus* (Bourdieu, 2004) desenvolvidos durante a vida acadêmica das mulheres que merecem destaque nessa pesquisa, buscando saber como elas lidaram com o *habitus* acadêmico e o *habitus* aprendido durante suas vivências familiares e sociais, ao mesmo tempo verificar quais os impactos desse em relação ao outro. Utilizará ainda a pesquisa oral, pois acredita-se que essa nos dará aporte teórico para conjuntamente estruturar a pesquisa.

Inicialmente buscamos em Halbwachs a ideia da memória coletiva que tanto advoga, no sentido de que para ele, são as lembranças vivenciadas no grupo que serão compartilhadas e memoradas. Adverte ainda que as memórias de um indivíduo nunca são só suas, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Enfatiza ainda que uma pessoa só, nunca lembra sozinha, como também o fato de que a memória se esvai quando nos afastamos do grupo que estava a ela ligado. As lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

Apesar de encontrar na teoria de Halbwachs aportes necessários para buscar desenvolver essa pesquisa, encontro nas suas ideias alguns tencionamentos que vejo necessários serem discutidos. Quando olhamos para os ensinamentos que as mulheres obtiveram ao longo dos tempos, nas palavras de Marcela Lagarde (2004) de *cativeiros*, observamos o quanto essas estratégias de controle tenham prejudicado a ascensão destas nos diversos segmentos, seja tecnológico, civis, político, social etc. Talvez essa *memória social* imbuída desde a infância, os códigos de conduta veiculados pelos diferentes setores da sociedade, família, igreja etc, ou ainda ditados através da moda, propaganda etc., tenham impossibilitado que as mulheres pudessem ter pensado, buscado outras estratégias para viverem.

Referências



ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A Educação do “Bello Sexo” em São Luís na segunda metade do século XIX.** São Luís. Editora UEMA, 2014.

ALBUQUERQUE, José B. de. **Memórias de Caxias: cada rua, sua história.** Câmara Municipal de Caxias, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico de 1970 – Maranhão. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil. O longo caminho.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: _____. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: breve século XX: 1914-1991.** São Paulo. Companhia das Letras, 1995.p. 300-50.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4ª ed. Campinas. Editora da UNICAMP: 2003.

LOS RIOS, Marcela Lagarde y de. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** México: UNAM, 2005.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP-Brasil, 1981.

SAMPAIO, Fernando da Silva. **“Bem-Viver” em Caxias: comportamentos e normas de etiquetas para mulheres nas décadas de 1960-1970.** (Trabalho de Conclusão de Curso). – Caxias: CESC/UEMA, 2011.